



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MÁRCIO JOSÉ DOS SANTOS**

**REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA SOCIAL NO REGIONALISMO DE JOSÉ  
LINS DO REGO**

**GUARABIRA/PB  
2015**

**MÁRCIO JOSÉ DOS SANTOS**

**REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA SOCIAL NO REGIONALISMO DE JOSÉ  
LINS DO REGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de Licenciado  
em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de  
Araújo

**GUARABIRA/PB  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237r Santos, Márcio José dos  
Representação da estrutura social no regionalismo de José  
Lins do Rêgo [manuscrito] / Marcio Jose dos Santos . - 2015.  
20 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.  
"Orientação: José Helber Tavares de Araújo, Departamento  
de Letras".

1. Regionalismo. 2. José Lins do Rêgo. 3. Nordeste. I.  
Título.

21. ed. CDD 869.09



Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA  
Centro de Humanidades

Departamento de Letras  
Curso de Licenciatura em Letras

**COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)  
AVALIAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO ACADÊMICO**

<b>MONOGRAFIA ( )      ARTIGO (X)</b>	
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b> REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA SOCIAL NO REGIONALISMO DE JOSÉ LINS DO REGO	
<b>GRADUANDO(A)</b> MANCIO JOSÉ DOS SANTOS	
<b>MATRÍCULA</b> 112455557	<b>TURNO</b> NATURNO <b>HABILITAÇÃO</b> LÍNGUA PORTUGUESA
<b>E-MAIL:</b> _____	
<b>ORIENTADOR(A)</b> JOSÉ HERBEN T. DE ARAÚJO	
<b>DATA DE APRESENTAÇÃO:</b> 18 / 12 / 15	
<b>MEMBROS DA BANCA</b>	
JOSÉ HERBEN T. DE ARAÚJO	CPF: _____ [Orientador(a)]
LEYLA T B DA SILVA	CPF: _____ [Examinador(a)]
LIDIANE VASCONCELOS	CPF: _____ [Examinador(a)]
<b>AVALIAÇÃO TCC</b>	
<b>ASSINATURA DOCENTE</b>	<b>NOTA TCC</b>
JOSÉ HERBEN T. DE ARAÚJO	[ 8,5 ]
LEYLA THAYS BRITO DA SILVA	[ 9,0 ]
LIDIANE BRAGA DE VASCONCELOS	[ 9,5 ]
<b>ESPAÇO RESERVADO À COORDENAÇÃO DO TCC</b>	
MÉDIA GERAL <u>9,0</u>	
Guarabira-PB ____/____/____	

A minha família, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, que é o centro e o fundamento de tudo em minha caminhada, por renovar a cada dia as minhas forças e disposições e pelo conhecimento adquirido ao longo dessa jornada.

A minha mãe Maria Nazaré Justino dos Santos que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

Quero agradecer também a minha esposa Josilda de Sousa Silva, que embora não tivessem conhecimento disto (do TCC) iluminou de maneira especial os meus pensamentos.

A o meu orientador, Prof.Mestre José Helber Tavares, que acreditou em mim; que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas ideias, conhecimento e experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela sua amizade, por ser um profissional extremamente qualificado e pela forma humana que conduziu minha orientação.

Aos docentes do curso de Letras, pela convivência, trocas de conhecimento e experiências que foram tão importantes na minha vida acadêmica. Que contribuiu para o meu novo olhar profissional.

A todos os meus colegas do curso de Letras, que de certa maneira tornaram minha vida acadêmica cada dia mais prazerosa. Peço a Deus que os abençoe grandemente, preenchendo seus caminhos com muita paz, amor, saúde e prosperidade.

"A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta"  
Fernando Pessoa

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O REGIONALISMO NORDESTINO .....	10
3 O “MENINO DE ENGENHO” .....	13
3.1 <i>Personagens, enredo e caracterização social</i> .....	14
3.2 <i>Contexto histórico-social</i> .....	16
3.3 <i>O regionalismo na obra</i> .....	17
4 CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS .....	20



# REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA SOCIAL NO REGIONALISMO DE JOSÉ LINS DO REGO

Márcio José dos Santos\*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal mostrar como a obra de José Lins do Rego mostra a organização social dos engenhos em *Menino de Engenho*. As obras do autor evidenciam o enfoque regional da cultura nordestina, mostrando em vários aspectos o contexto histórico-social que o autor viveu. Dessa forma Compreendemos a organização social dos engenhos a partir do (s) contexto (s) da obra. É importante salientar que a vários aspectos que serão analisados compreendem um conjunto de características que foram observadas a partir da comparação entre a obra e a vida do autor, assim, nos deparamos com a análise aqui apresentada.

**Palavras-Chave:** Regionalismo. José Lins do Rêgo. Nordeste.

## 1 INTRODUÇÃO

A obra de José Lins do Rego é caracterizada por vários aspectos que viraram referências do regionalismo brasileiro. Em toda sua vasta obra é possível notar um caráter do tipo memorialista e documental, uma vez que o autor tenta resgatar essa busca incessante que o homem tem em viver bem na sua terra, isto é, uma caracterização tipicamente regionalista.

O fato de o autor ter nascido no Nordeste, de certa forma, contribuiu para que sua obra ganhasse destaque nacional, mas não apenas por ressaltar as condições que as pessoas dessa região viviam, mas também pelas qualidades e enredos empolgantes que eram características atribuídas ao autor.

Em *Menino de Engenho*, romance publicado em 1932, a história é narrada em primeira pessoa pelo próprio Carlos, ou seja, o narrador-personagem vai deixando suas

---

\* Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
Emai-l: ms0295123@gmail.com

impressões a respeito dos ambientes em que viveu, de forma bastante crítica, mostrando a tristeza que o personagem presencia.

Muitas obras que tratam sobre o nordeste brasileiro relatam sobre a vida nos engenhos de cana de açúcar e a vida das pessoas que dependiam direta ou indiretamente da extração desse produto. Assim se faz necessário uma contextualização histórica e social da população brasileira dessa época.

Nesta obra de José Lins do Rêgo, os engenhos também ganham relevância na narrativa embora notamos que há outros elementos importantes que o autor quis privilegiar em sua obra, como a própria convivência do personagem principal Carlos e sua família.

Os traços da obra são tipicamente memorialistas sobre a infância e a adolescência do narrador. Tudo isso é retratado com um doce diálogo nostálgico, mas ao mesmo tempo enfático do cotidiano vivido naquela época por aquela população local.

## **2 O REGIONALISMO NORDESTINO**

O Regionalismo Nordestino a partir da década de 1920 proclama uma tradição que estava parada no tempo. Contextualizar uma época, um povo ou a própria sociedade do nordeste brasileiro começou a ganhar grande destaque por diversos autores, principalmente àqueles que já tinham este enfoque em suas obras.

Algumas obras de José Lins do Rêgo fazem parte do chamado ciclo da cana de açúcar (CORDEIRO, 2011) nas quais se destacam *Menino de Engenho* (1932), *Usina* (1936), *Fogo Morto* (1943) e *Doidinho* (1933). Todas essas obras possuíam praticamente o mesmo enfoque: o nordeste açucareiro e as histórias envolvidas nos engenhos na região onde o autor nasceu na Paraíba, mais especificamente.

A investigação acerca dos fatores que influenciam a literatura deve levar em consideração alguns aspectos, como afirma Candido:

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a

maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. (CANDIDO, 2006, p.30)

Como vimos, os fatores socioculturais deve ser o primeiro critério a ser visto quando avaliamos a influência de uma obra com os fatos ocorridos em uma região geográfica ou quando relacionamos a vida do autor da obra com os cenários que a obra demonstra. No entanto, é necessário cautela quando avaliamos essas influências, pois, a literatura é plurissignificativa e nem sempre podemos afirmar que aquele enredo é realmente o que foi vivenciado pelo autor, ou que tudo aquilo é verídico.

É necessário ver como a posição social é vista e posta na obra em si, uma vez que o contexto histórico-social também é um fator que pode ser levado em consideração ao contextualizarmos o regionalismo à obra.

Em José Lins do Rêgo vemos que a vivência da cultura nordestina é extremamente explícita no decorrer de sua literatura. Em *menino de engenho*, tudo faz parte de um fator que predomina a região onde o autor nasceu, logo, podemos depreender que boa parte o cenário da sua obra condiz realmente com o que foi vivenciado por ele, gerando uma formalização histórica da condição nordestina.

No caso da literatura, ou da música, as manifestações primitivas se ligam necessariamente à transmissão imediata, por contato direto, e isto se junta aos motivos já apontados de ordem estrutural para limitar o público e intensificar a sua relação com o artista, criador ou executante, e frequentemente ambas as coisas. (CANDIDO, 2006, p.44)

A obra do referido autor não é especificamente direcionada a um determinado público, porém, o local em que ocorre o enredo é tipicamente voltado à cultura e vivência nordestina. A relação autor e local pode ser observada por determinado público, mas nem todos terão a perspectiva de analisar o contexto da obra notando a similaridade com o ambiente em que o autor viveu e as influências que o levaram a escrever de tal maneira.

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. (IDEM, p.47)

Aqui Candido destaque mais uma vez a influência que o público-alvo exerce sobre o sentido e a realidade da obra em relação aos verdadeiros fatos ocorridos, pois, uma vez que determinado grupo de leitores não é familiarizado com a experiência histórica que o autor vivenciou e que foi configurada em narrativa, esse grupo não poderá fazer uma relação obra/contexto social sem antes haver uma profunda pesquisa de elementos que demonstrem tal relação.

O nordeste brasileiro sempre apareceu na literatura das décadas passadas como uma região que sempre estava atrasada em relação ao desenvolvimento das demais regiões brasileiras. Uma imagem de “povo sofrido”, pessoas trabalhadoras e sem condições financeiras. Porém, uma desconstrução desses pensamentos estava para ser desfeita quando alguns autores começaram a ressaltar as qualidades do Nordeste.

Em Menino de Engenho o referido autor destaca algumas particularidades do interior do Nordeste, mais especificamente o sertão paraibano como podemos destacar no seguinte trecho da obra:

Ficava a fábrica bem perto da casa-grande. Um enorme edifício de telhado baixo, com quatro biqueiras e um bueiro branco, a boca cortada em diagonal. Não sei por que os meninos gostam tanto de máquinas. Minha atenção inteira foi para o mecanismo do engenho. Não reparei em mais nada. Voltei-me para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador. Depois comecei a ver os picadeiros atulhados de feixes de cana, o pessoal da casa de caldeiras. Tio Juca começou a me mostrar como se fazia o açúcar. O mestre Cândido com uma cuia de água de cal deitando nas tachas e as tachas fervendo, o cocho com o caldo frio e uma fumaça cheirosa entrando pela boca da gente. (REGO, 2012, p. 34)

A chegada de Carlinhos ao engenho de Santa Rosa é um momento memorável da infância do garoto e dos costumes que contrasta com o centro da cidade que fica na zona canavieira da Paraíba. A atenção do menino é voltada toda ao funcionamento daqueles mecanismos que a partir de então irá fazer parte rotineiramente da vida do garoto.

O contato com a natureza também é claramente observado ao longo da obra de José Lins, assim como a convivência com os aparatos necessários para se trabalhar em um engenho típico daquela época. Percebemos isso quando o narrador-personagem descreve o ambiente que ele observara na chegada ao engenho.

### **3 O “MENINO DE ENGENHO”**

José Lins do Rego é o mais importante escritor regional brasileiro. E Menino de Engenho é uma das obras mais significativas no “ciclo da cana-de-açúcar” e também fora dele. Essa obra tão fantástica e encantadora é tida como uma verdadeira referência para o regionalismo brasileiro.

Um menino órfão, que aos quatro anos de idade perde a sua mãe que foi assassinada pelo pai, devido a uma loucura incontrolável do mesmo. Diante desta situação, Carlinhos é levado pelo seu tio Juca ao engenho do avô materno José Paulino – o engenho Santa Rosa.

No engenho, Carlos conhece tia Maria, moça de coração bom, generosa e atenciosa que procura suprir com amor a ausência da mãe de Carlos. Além de tia Maria, ele conhece também a tia Sinhazinha, uma mulher velha, com aproximadamente sessenta anos e que implicava com tudo. Todos os empregados da casa tinham que cumprir suas ordens e respeitar suas crueldades.

Longe dos olhos de tia Maria e na companhia dos primos, Carlinhos conhece um mundo cheio de aventuras, desigualdades sociais vividas pelos empregados do engenho, promiscuidade e desrespeito sexual. E foi neste ambiente desprovido de cuidados e atenção, que Carlinhos começa muito cedo sua vida amorosa, se apaixonando por sua primeira professora, que logo foi substituída por suas primas.

Fascinado com a liberdade da vida que ele tinha no engenho, Carlos se encanta com as mulatas, filhas dos empregados do avô. Com elas aflora para uma vida sexual precoce e, aos doze anos de idade, contrai uma doença de uma delas, tornando-se o assunto da região. Totalmente sem limites e sem educação, Carlos preocupa seu avô, que não encontra outro caminho a não ser encaminhá-lo para um colégio interno, o lugar no qual se tornaria um verdadeiro homem.

Tudo isso em meio àquela realidade que aos poucos iria se mostrando como uma realidade dura, entretanto que deveria ser encarada com total destreza, e é exatamente isso que o autor nos mostra ao narrar a vida de Carlos em meio ao engenho de sua cidade. Ficamos perplexos e ao mesmo tempo maravilhados com essa cronologia.

### ***3.1. Contexto histórico-social***

Em 1932, José Lins publica seu livro de estreia, *Menino de engenho*, em edição por ele custeada. Recebe o prêmio da Fundação Graça Aranha. O romancista é saudado pela crítica com entusiasmo e a edição de dois mil exemplares é quase toda vendida no Rio. Uma verdadeira revolução na forma de escrever se iniciava no Brasil.

Dai em diante a obra de José Lins não conhece interrupções. Publicam *12 romances*, um volume de memórias, livros de viagem, de literatura infantil, de conferências, de crônicas. (AGUIAR, 2008).

Gilberto Freyre foi um grande sociólogo brasileiro que viu nas obras de Rego um novo parâmetro do regionalismo no Brasil. É o que afirma Chaguri:

Retornando ao Brasil em 1923, Gilberto Freyre insere-se vivamente nas discussões sobre o a renovação cultural da região Nordeste, travando polêmicas com Inojosa e articulando e sistematizando o Regionalismo que ganharia contornos claros a partir de 1924 com a fundação do Centro Regionalista do Nordeste e em 1926 com a realização do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. Historiadores do período como Souza Barros (1972) e Tadeu Rocha (1964) atribuem grande importância a esses dois eventos, marcando-os como os elementos que ajudaram a alargar o raio de ação do Regionalismo, principalmente, pelos estados de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte. No trabalho de divulgação e publicização das sugestões regionalistas, José Lins também assumirá um papel privilegiado particularmente entre os círculos intelectuais paraibanos e alagoanos. (CHAGURI, 2007, p.27)

O regionalismo ganhou destaque. A década de 1920 também é marcada por vários acontecimentos que revolucionariam não apenas a literatura, mas também a sociedade brasileira como um todo. Como, por exemplo, a publicação de obras retratantes do cenário nordestino e das formas sociais presentes no contexto social dessa região.

Dentro de um contexto, onde os engenhos de açúcar estavam em decadência dando origem à ascensão às usinas, o autor mostra a realidade da época, da vida das pessoas que viviam nessa sociedade, mas com um ar de saudosismo, descrevendo o ambiente, a partir de memórias da própria infância e de observações da vida rural.

O cuidado que se deve ter também ao analisarmos uma obra é que a literatura possui plurissignificados, logo, não podemos afirmar com cem por cento de certeza que aquilo que está escrito foi de fato vivenciado por quem escreveu. É o que afirma Souza: “[...] o texto literário suscita a seu respeito observações que não constituem propriamente o resultado de uma reflexão ou análise, de uma ocupação metódica, mas apenas o registro de um sentimento, uma impressão, um julgamento emanado da subjetividade.” (SOUZA, 2007, p. 15)

### **3.2. Personagens, enredo e caracterização social**

Algumas características típicas do nordeste são colocadas por meio da linguagem ou da descrição do ambiente que o personagem vivia. Como podemos destacar no seguinte trecho:

À noite dormimos em cama de vara. A chuva pingava dentro de casa por não sei quantas goteiras. E o cheiro horrível dos chiqueiros de porcos pertinho da gente. Os outros retirantes ficaram na casa de farinha, pelo chão. Era tudo isto o que de melhor o pobre velho Amâncio tinha para nos oferecer: esta sua desgraçada e fedorenta miséria de pária. (REGO, 2012, p. 50)

Os enfrentamentos que o povo nordestino tinha de encarar diariamente, o modo de vida, a cultura, a ambientação. Vários aspectos regionais são detectados na obra. Através de Carlinhos tudo isso é mostrado ao passo que evidencia o modo de vida no interior paraibano.

A seca que a região nordeste sofreu ao longo dos anos também é retratada na obra. Além, é claro de outras características que o enredo traz ao longo da narrativa. O trecho seguinte traz um momento de muita alegria para o povo nordestino: a chegada da chuva.

Lá um dia, para as cordas das nascentes do Paraíba, via-se, quase rente do horizonte, um abrir longínquo e espaçado de relâmpago: era inverno na certa no alto do sertão. As experiências confirmavam que com duas semanas de inverno o Paraíba apontaria na várzea com a sua

primeira cabeça d'água. O rio no verão ficava seco de se atravessar a pé enxuto. Apenas, aqui e ali, pelo seu leito, formavam-se grandes poços, que venciam a estiagem. Nestes pequenos açudes se pescava, lavavam-se os cavalos, tomava-se banho. Nas vazantes plantavam batata-doce e cavavam pequenas cacimbas para o abastecimento de gente que vinha das caatingas, andando léguas, de pote na cabeça. O seu leito de areia branca cobria-se de salsas e junco verde-escuro, enquanto pelas margens os marizeiros davam uma sombra camarada nos meios-dias. Nas grandes secas o povo pobre vivia da água salobra e das vazantes do Paraíba. O gado vinha entreter a sua fome no capim ralo que crescia por ali. Com a notícia dos relâmpagos nas cabaceiras, entraram a arrancar as batatas e os jerimuns das vazantes. (REGO, 2012, p. 46)

Observamos a forma que o narrador explica a forma que as pessoas reagiam quando observavam que a época da chuva se aproximava. Tudo isso visto pelos olhos do menino que também relembra as situações que aquele povo passava quando não havia água e todos tinham de beber água salobra. A fauna e a flora nordestina também são mostradas com os animais e plantas tipicamente vistas e cultivadas naquela região. Assim, se cria um cenário em que o leitor pode visualizar e contextualizar a situação ocorrida e isso é visto no decorrer de toda a narrativa.

A temática de Menino de Engenho é o retrato da infância do garoto no engenho, um ambiente de muita euforia e acontecimentos, dando luz à realidade Nordeste, a escravidão, a pobreza e miséria, apresentando os primeiros traços de decadência.

Devido ao fato de a narrativa tratar de toda a infância do menino protagonista da obra, apresenta-se muitos personagens, dos quais daremos mais destaque aos principais:

Carlinhos — É o narrador do romance. O garoto que ficou órfão aos quatro anos de idade tornou-se um menino deprimido, solitário e bastante introspectivo. “Era um menino triste. Gostava de saltar com os meus primos e fazer tudo o que eles faziam. (...). Mas, no fundo era um menino triste.” (REGO, 2012, p. 58). Mas de sexualidade aguçada, mantém aos doze anos, a sua primeira relação sexual, contraindo doenças.

Tia Maria — Era a Irmã da mãe de Carlinhos e torna-se para este a sua segunda mãe. Querida e estimada por todos pela sua amabilidade e simpatia, era chamada carinhosamente de Maria Menina.



Coronel José Paulino — É o “todo-poderoso” senhor de engenho. Era uma espécie de prefeito, pois, administrava pessoalmente, dando autorizações e fazendo a justiça que ele mesmo ditava se autointitulando de homem bom e generoso. “O velho José Paulino governava os seus engenhos com o coração. Nunca o vi com armas no quarto. Um carabina que guardava no guarda-roupa a gente brincava com elas, de tão imprestáveis.” (idem, p.62) Carlinhos compara o avô até mesmo com um santo: “Ele tinha o orgulho da casta, a única vaidade daquele santo que plantava cana.” (idem, p.79)

Antônio Silvino — Representa o cangaço Nordestino, na figura de cangaceiro temido e respeitado pelo povo.

Velha Totonha — Uma figura admirável e fabulosa representa bem o folclore ambulante dos contadores de histórias.

Tio Juca — Não representa um papel de tanto destaque no romance, mas por ser filho do senhor de engenho, de fazer e desfazer (principalmente sexo com as mulatas), e não era punido, e representa uma figura de importância para Carlinhos, contribuindo relativamente na sua formação.

Lula de Holanda — Embora ocupe pouco espaço na narrativa, o Coronel Lula é personagem relevante, pois representa o senhor de engenho decadente que teima em manter a fachada aristocrática. “E o açúcar subia e descia – e o Santa Fé sempre para trás, caminhando devagar para a morte, como um doente que não tivesse dinheiro para a farmácia.”(idem, p.69)

Sinhazinha — Cunhada do Coronel, mas fazia o que bem entendia no governo da casa-grande. Era odiada por todos por seu rigor e mau humor.

Cada personagem aparece de forma harmoniosa ao decorrer do romance. Como já mencionado o autor torna o enredo bem lúdico ao leitor. Podemos deduzir, assim, que a formação e caracterização das particularidades de cada personagem aqui descrito não é apenas uma modelagem individualizada, mas carrega em cada um deles um traço fundamental da complexa estratificação social presente no universo do engenho. Quanto mais se caracteriza o tipo social, mas há o enriquecimento do enredo. Assim, em José Lins do Rego, a descrição está em favor da ação, sempre lembrada por Carlinhos, ou seja, a descrição do tipo social do personagem ajuda a entender qual a relação de poder será estabelecida entre eles, e entender também como eles fogem de uma forma de vida pré-estabelecida.

## 4 CONCLUSÃO

A obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego é de suma importância para a história do Brasil, especificamente do Nordeste, essa região de grande destaque no cenário nacional, sobretudo na época que a obra retrata, do início da industrialização, na substituição dos engenhos açucareiros pelas usinas. A obra marca também a entrada do autor na vida literária, e constitui um de seus grandes marcos como um dos maiores autores regionalista brasileiro.

Com sua descrição meticulosa dos fatos, ele dá a obra, uma constituição mais real e criticista, demonstrando toda a realidade da época, de como era a vida dos trabalhadores e moradores de engenho, nos fazendo transcender para aquele ambiente e assim nos instigando ao desenvolvimento de uma crítica social, caracterizando o chamado Neorrealismo. E mais ainda com o seu clima de saudosismo, com as lembranças que o “verdadeiro” menino de engenho traz a tona daquela vida para ele boa que nos encanta mais ainda.

O autor soube, portanto, organizar da melhor maneira possível todos os flashes de lembranças da vida na infância e nos transpor conhecimentos enriquecedores quanto ao tema. Até aquele momento, no início de 30, o regionalismo nordestino nunca foi tão bem retratado por esta obra ímpar no cenário da literatura brasileira.

## **REPRESENTATION OF THE SOCIAL STRUCTURE IN REGIONALISM OF JOSÉ LINS DO REGO**

Márcio José dos Santos

### **ABSTRACT**

This work aims to show how the work of José Lins do Rego shows the social organization of the mills in *Menino de Engenho*. The author's works show the regional focus of northeastern culture, showing in many respects the historical and social context in which the author lived. Thus we understand the social organization of the mills from the context (s) of the work. Importantly, the various aspects to be analyzed comprise a set of characteristics that were observed from the comparison between the work and the author's life, so we face the analysis presented here.

Keywords: Regionalism. José Lins do Rego. Brazilian Northeast.

## **REFERÊNCIAS**

AGUIAR, C. M. **José Lins do Rego e o discurso regionalista.** – Recife, PE: UFPE, 2008.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHAGURI, M. M. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo** - Campinas, SP: [s. n.], 2007.

CORDEIRO, C. F. **Pelos olhos do menino de engenho: os personagens negros na obra de José Lins do Rego.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

REGO, J. L. **Menino de Engenho.** - 104 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SOUZA, R. A. **Teoria da literatura.** 10 ed. São Paulo: Ática, 2007.